

EVOLUÇÃO E DECADÊNCIA DA VITIVINICULTURA EM PELOTAS*

*Marinês Zandavali Grando***

A vinha estendeu-se no Rio Grande do Sul praticamente em todo território ocupado pelo imigrante europeu não português, sendo, mesmo pioneiramente, cultivada por açorianos. No entanto a fabricação doméstica de vinhos adquiriu um caráter comercial entre os seguintes núcleos de imigrantes: franceses em Pelotas; suíços e alemães em São Lourenço, São Sebastião do Caí, Santa Cruz do Sul e Estrela; açorianos em Rio Grande; alguns austríacos que se estabeleceram na região nordeste; e, finalmente, os italianos em toda essa região e ainda em partes dos municípios de Santa Maria, Cachoeira do Sul e Júlio de Castilhos (Gobbatto, 1940). Foi no nordeste do Rio Grande do Sul, ocupado pela imigração italiana desde 1875, que se formaram as maiores áreas contínuas de parreiras e onde esse cultivo logo adquiriu um caráter de especialização. Antes do final do século passado, já havia-se estabelecido um comércio vinícola intermunicipal, ainda que muito precário por causa da escassez das vias de comunicação. Todos os vinhos eram de inferior qualidade devido às espécies de uvas usadas e à fabricação imperfeita.

Trataremos aqui da produção vitícola de Pelotas a partir desse período, buscando entender as razões que fizeram desaparecer do Município uma produção de, pelo menos, meio século.

Pelotas tornou-se conhecida, no passado, pelas grandes estâncias situadas na região plana de seu território, as quais deram origem à famosa produção de charque que caracterizou, por longo tempo, a economia do Rio Grande do Sul. Pouco conhecida é, no entanto, a parte montanhosa do Município, onde se formaram inúmeros núcleos de pequenos proprietários oriundos da colonização européia. Essa região colonial propiciou uma importante produção vitícola desde o final do século passado até os anos 30, período no qual Pelotas figurou entre os maiores produtores de

* Este texto faz parte da tese que apresentei na Université de Paris I (Panthéon-Sorbonne) para a obtenção do Doctorat de Troisième Cycle, em junho passado, e que tem por título *Petite agriculture en crise: le cas de la "Colonie française" dans le Rio Grande do Sul*. Para a presente publicação, foram feitas algumas modificações no texto original.

** Economista da FEE.

vinho do Rio Grande do Sul. Ocuparam-se dessa produção não só os imigrantes franceses e seus descendentes, porém foi a atuação desses agricultores (chegados, em 1880, na Colônia Santo Antônio) fundamental para o desenvolvimento da vinha em Pelotas. A colônia francesa tornou-se relativamente especializada no transcurso de duas gerações e, através da vitivinicultura, alcançou um progresso sócio-econômico extraordinário em relação ao meio.

Portanto, a questão que se coloca aqui é: por que a vinha, depois de firmar uma certa tradição em Pelotas, entrou em retrocesso até atingir o desaparecimento completo?

Para analisar essa questão, partimos do pressuposto de que as razões devem ser as mesmas que fizeram desaparecer, também, outras regiões vitícolas de base camponesa situadas fora do território em que ocorreu o processo de intensificação da produção de vinho. Ou seja: o progresso técnico logrado pela zona italiana deu-se em função do nível de organização social alcançado pelos viticultores locais e, principalmente, em função da decorrente associação de capitais. Graças a esse avanço, generalizaram-se as relações comerciais, cresceu o volume de produção, houve aumento de produtividade, e a fabricação do vinho foi abandonando as características de indústria artesanal. As produções que ficaram à margem dessa transformação perderam a competitividade e retrocederam, como foi o caso de Pelotas. No texto que segue, será exposto esse processo de avanço tecnológico e serão considerados seus efeitos sobre o cultivo da vinha e a fabricação de vinho especificamente nessa região produtora.

Não foi possível determinar quando a vinha passou a ser explorada comercialmente em Pelotas. Sabe-se, no entanto, que na Serra de Tapes, onde a produção adquiriu uma certa importância, a cultura foi introduzida pelos colonos franceses quando lá se instalaram em 1880. Utilizaram-se de bachelos de uvas americanas, pois as castas européias estavam empobrecidas no território do Rio Grande do Sul. Por essa época, iniciava-se apenas a vitivinicultura no sul do Brasil, e o vinho era feito de modo completamente artesanal.

Os primeiros estabelecimentos vinícolas do Município de Pelotas com caráter comercial não surgiram na Serra de Tapes. A vinícola Bruyères, de propriedade de Amadeo G. Gastal, imigrante francês residente na cidade de Pelotas, onde exercia profissão liberal, é a mais antiga. Estava localizada em Monte Bonito a 18km da cidade. Possuía um parreiral próprio, produzia vinhos de castas européias e conhaque considerados de muito boa qualidade. A segunda vinícola, a Quinta Bom Retiro, foi estabelecida por Ambrósio Perret. Distava 22km da cidade e também possuía um parreiral próprio. Com o desenvolvimento dos vinhedos coloniais, esses dois fabricantes compravam uvas dos colonos para também produzir vinhos. Em 1890, foi fundada nova fábrica de vinhos e conhaques, localizada na cidade, de propriedade de Luiz Juvêncio da Silva Leivas que figurou como comprador de uvas da Serra de Tapes e da Ilha dos Marinheiros (Rio Grande) para sua produção de vinhos.

Até o final do século passado, a produção vinícola dos imigrantes franceses estabelecidos na Serra de Tapes era relativamente bem sucedida, embora irregular: "(. . .) em cada três anos obtém-se uma boa colheita, nos outros anos apenas re-

compensa o trabalho, deixando pouco lucro” (Ulrich, 1898). Os colonos mesmos transformavam em suas cantinas a uva em vinho, de acordo com a tendência genericamente observada no Rio Grande do Sul, movidos pelo desejo de disporem da bebida. Na colônia francesa, a quantidade que excedia o consumo próprio era vendida na cidade de Pelotas.

Conseguir um bom desenvolvimento para a vitivinicultura parece ter sido uma antiga e sucessiva preocupação por parte de alguns membros da administração do Estado do Rio Grande do Sul¹, ainda que muito tempo tenha decorrido até que efetivamente o Estado prestasse alguma assistência técnica ao cultivo da parreira e à elaboração do vinho. Uma das primeiras ações governamentais registradas nesse sentido ocorreu no final do século passado, posteriormente mantida, mas de forma sempre incipiente. Constitui-se na distribuição de videiras de diferentes qualidades visando a substituir a uva americana — única cultivada em grande escala no Rio Grande do Sul (sobretudo a Isabel, do grupo Labrusca).

Em Pelotas, medidas bem mais avançadas foram tomadas pelos administradores locais.² Em 1909, o intendente José Barbosa Gonçalves contratou um enólogo italiano

(. . .) para percorrer a zona vinícola, estudar atentamente o estado dos vinhedos e os processos empregados no fabrico do vinho, relatar as suas impressões, notar os defeitos encontrados e sugerir os meios de saná-los” (Relatório. . . , 1909, p. 38).

Instruindo os colonos para obter o aperfeiçoamento da cultura da vinha e da fabricação do vinho, o intendente de Pelotas, José Barbosa Gonçalves, esperava ver “(. . .) levantar-se entre nós a indústria vinícola, fartamente abastecida de produtos esmerados das colônias, (. . .) suceder aqui o que já vai sucedendo ao Norte (sic) com o Município de Caxias e outros cuja produção e exportação alimentam largo comércio” (Relatório. . . , 1909, p. 40).

Achava, no entanto, que para isso seria necessária a modificação “(. . .) dos processos rudimentares postos em prática e ir substituindo o defeituoso trabalho manual do fabrico por maquinismo modernos” (Relatório. . . , 1909, p. 40).

¹ De acordo com os relatórios apresentados anualmente pelos Presidentes da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul à Assembléia Legislativa.

² O interesse pela viticultura foi rapidamente estabelecido em diferentes setores da comunidade pelotense:

- em 1890, foi criada a cadeira de Viticultura e Enologia no Liceu Riograndense de Agronomia e Veterinária de Pelotas;
- em 1898, a Sociedade Agrícola e Pastoral do Rio Grande, com sede em Pelotas, passou a distribuir aos agricultores interessados, castas apropriadas para o vinho;
- em abril de 1899, ocorreu em Pelotas a primeira Exposição Agrícola do Rio Grande do Sul, onde foram expostas mais de 30 qualidades de vinhos produzidos no Município.

A contratação dos serviços de um enólogo foi a continuação do trabalho já realizado pelo intendente anterior, Cypriano Correa Barcelos, que percorreu, em companhia de um agrônomo, todos os distritos rurais do Município "(. . .) com o fim de adquirir dados seguros" (Relatório. . . , 1909, p. 38) sobre o grau de fertilidade das terras. Vigorava, então, a preocupação com o conhecimento da constituição física do terreno e de sua composição química para dar aos viticultores condições de planejamento do cultivo em maior escala e segundo processos racionais.

Dessa análise das terras foi concluído que aquelas em que se assentavam as colônias Santa Silvana, Maciel e Santo Antônio eram as mais favoráveis aos vinhedos. Foi também observado que somente os colonos de Santo Antônio, isto é, os de origem francesa, tinham um melhor cuidado no trato da videira. Levando em conta que grande parte dos solos de Pelotas eram formados pela decomposição do granito, o Intendente José Barbosa Gonçalves esperava que

"(. . .) a agricultura do município, se não pode pretender contribuir para o abastecimento do trigo aos mercados consumidores do país, ela que nem ao seu próprio mercado fornece esse grão, pode alimentar a justa pretensão de vir a ser um dos fornecedores do vinho, que há de abrir, um dia, a era de franca prosperidade às colônias da serra" (Relatório. . . , 1909, p. 38).

Efetivamente, a viticultura foi-se tornando animadora no Município. Em 1911, existiam aproximadamente 350 mil pés de videiras plantadas.³ A fabricação de vinho passou a ser preferida por muitos agricultores.

Mas, no nordeste do Rio Grande do Sul, essa indústria rural já havia-se transformado numa fonte regular de renda e exportava vinhos para outros estados brasileiros. Essa região especializava-se. Crescia a produção na medida em que novos mercados se tornavam acessíveis com o desenvolvimento das vias de comunicação.

Os primeiros passos no sentido de um aperfeiçoamento da produção vinícola foram dados com o movimento cooperativista de 1911 e 1912. As cooperativas que foram organizadas por iniciativa governamental entre os agricultores italianos criaram as bases para o progresso da vinificação do Rio Grande do Sul. Por questões de ordem financeira, elas não foram mantidas⁴, mas provocaram transformações nos hábitos e costumes do meio agrícola. Datam desse período, por exemplo, as primeiras máquinas para a produção vinícola, a montagem dos primeiros laboratórios, um maior cuidado com os princípios da enologia e o estabelecimento de algumas medidas de controle e fiscalização do vinho.

³ São muito precários os dados estatísticos sobre a área plantada, quantidade produzida de uva e vinho ou o número de vitivinicultores na Serra de Tapas, elementos que poderiam esclarecer melhor a questão.

⁴ As cooperativas passaram a ser dissolvidas ainda em 1913. As razões disso foram analisadas por Monserrat (1950, p. 294-316).

As cooperativas deixaram, também, uma preocupação em estabelecer práticas de pesquisas. Mas só em 1921 o Governo Federal criou a primeira Estação Experimental de Viticultura e Enologia em Caxias do Sul (sob a administração de um técnico francês). A partir daí, técnicos dessa estação passaram a percorrer a região para orientar os viticultores na melhoria da qualidade dos vinhos.

Com o desenvolvimento da viticultura, cresceu muito a figura do comerciante-viticultor (cantineiro) que, além de comprar toda produção artesanal, tinha sua própria fabricação, acondicionava o vinho, cuidava-o adequadamente, etc. Tendencialmente, o capital comercial foi aumentando e centralizando-se até chegar a um estado de controlador absoluto (de compra e venda) da produção vinícola rural da região nordeste.

Em movimento paralelo, desenvolveu-se a ação fiscalizadora do Estado através de sucessivas normas e condições para a produção vinícola, impossíveis de serem cumpridas pela grande maioria dos vitivinicultores.

A reação dos mais capacitados foi associarem-se em cooperativas como forma de sobrevivência. Da luta dos camponeses com o capital comercial renasceram as cooperativas vitícolas definitivamente. Mas, em contrapartida, instaurou-se o movimento irreversível de separação entre o processo de produzir a uva e o de transformá-la em vinho. O produtor artesanal que não pôde se adaptar às exigências legais quanto a instalações e aparelhamentos de sua cantina ficou limitado a vender sua produção de uvas à cooperativa ou às grandes cantinas particulares.⁵

Através desse processo, a partir dos anos 30, as condições de fabricação e venda do vinho vieram sendo alteradas em função de uma qualidade mais regular.

Esse progresso na vinificação foi regional e dele Pelotas não se beneficiou. Por essa época, a vitivinicultura já havia-se tornado a base de sustentação econômica de duas gerações de colonos de origem francesa. Também imigrantes de nacionalidade italiana possuíam vinhedos no Município de Pelotas, mas, nas colônias alemãs, a vinha não foi explorada, ao menos comercialmente. A produção desses viticultores não se transformou qualitativamente e manteve-se limitada ao abastecimento do mercado local e arredores⁶.

Completamente à margem do processo de industrialização que estava em marcha no setor, os vitivinicultores pelotenses mantiveram-se, além disso, isolados entre si, pois não foram criadas, localmente, formas de associação de capitais em torno da vinicultura. As cantinas permaneciam rudimentares e somente uma teve condições de funcionar por um período mais longo, obedecendo às normas dos órgãos

⁵ Ver a análise feita por Santos (1978).

⁶ Segundo o Diário Liberal, em 1934 a produção do vinho em Pelotas foi de 1,5 milhão de litros (FT, 20.09.80, p. 13).

As maiores produções provinham das famílias de origem francesa, tais como os Capdeboscq, os Ribes, os Fouchy, os Chrochemore, os Jouglard, os Carre e os Pastorello. Por essa época, havia 25 cantinas rurais em Pelotas.

governamentais controladores da produção de vinho. Trata-se da Quinta Pastorello de propriedade da família Ribes. Em 1936, seu parreiral possuía 30.000 pés que produziram 16.000kg de uva; em 1942, a produção de vinho dessa cantina foi de 42.000 litros. A variedade americana (Isabel) era a predominante, mas havia, na Quinta Pastorello, um parreiral experimental com diferentes variedades de vinhas. A cantina media 21 metros de comprimento por 8,5m de largura. Possuía 10 tanques para fermentar o vinho com capacidade de 2.500 arrobas de uva (37.500kg) e nove depósitos para o vinho, com capacidade total de 130.500 litros. A máquina para desencaroçar e esmagar a uva era de autoria do próprio Sr. Ribes. O engarrafamento e a rotulagem do vinho eram feitos manualmente.

Em que pese os esforços de alguns agricultores mais progressistas que buscavam orientação técnica para melhorar a qualidade da produção, os métodos de cultivo da vinha permaneceram rotineiros devido à ignorância generalizada entre os vinicultores sobre melhores procedimentos com as parreiras.⁷

Os vinhedos não obedeciam a um critério racional. Possuíam, em média, 50 anos e mantinham-se constituídos de variedades, predominantemente, americanas que, se forneciam uma matéria-prima considerada de qualidade inferior para a vinificação, para o viticultor tinha a vantagem de não exigir maiores cuidados para produzir com regularidade (Paz, 1934 e 1935).

Com falta de recursos, os agricultores valiam-se do arado e a enxada e utilizavam o método de covas para plantar as parreiras, sem revolver o solo a uma profundidade adequada. Devido à origem francesa dos introdutores da vinha na região, os velhos vinhedos pelotenses foram organizados em filas e em espaldeiras, considerado o melhor processo de cultivo (bem ao contrário dos vinhedos dos italianos radicados no nordeste do Rio Grande do Sul, construídos em forma de latada). No entanto, nem todos os colonos souberam adaptar esse sistema às condições ambientais da região. Em consequência disso tudo, obtinham uma produção média de 1kg de uva por videira, enquanto que no nordeste a produção variava entre 5 a 10kg, em média, por videira (Paz, 1934 e 1935).

Em suma, a cultura da parreira estava em grande atraso em relação às melhores no sistema de produção de vinhos que ocorriam nos principais centros produtores do Rio Grande do Sul, caracterizadas por um movimento que transformava a fabricação num processo industrial, enquanto que em Pelotas essa fabricação se mantinha, mais ou menos, nos moldes do artesanato doméstico.

Por parte do poder municipal, persistia, contudo, a esperança da viticultura vir a ser desenvolvida com sucesso e pioneiramente a Prefeitura continuava prestando a assistência técnica que estava ao seu alcance, sobretudo através da Escola de Agronomia e Veterinária Eliseu Maciel.

⁷ As observações a respeito do tratamento que os colonos pelotenses dispensavam à cultura da uva foram feitas no decorrer dos anos 30 pelo agrônomo Ataliba de Figueiredo Paz (1934 e 1935), que estudou essa questão com profundidade.

Por iniciativa do diretor dessa Escola, o agrônomo Ataliba de Figueiredo Paz, em 1932, na ocasião do primeiro Congresso Brasileiro de Viticultura (realizado em Caxias do Sul), a situação da cultura da vinha nas colônias de Pelotas foi exposta a fim de sensibilizar as autoridades governamentais e os interessados no setor. Foi especialmente chamada a atenção para as possibilidades que essa região serrana (compreendida por Pelotas, Canguçu e São Lourenço) apresentava para tornar-se um importante centro vinícola, determinadas, sobretudo, pelas condições naturais de clima e solo e também pela sua posição geográfica muito próxima de importantes populações urbanas.

Dois anos depois, criava-se a Comissão Pró-Levantamento da Vitivinicultura em Pelotas como parte de uma campanha que deveria lançar as bases para a indústria vinícola no Município nos moldes da existente no nordeste do Rio Grande do Sul, com a criação de cooperativas e grandes cantinas. Essa campanha engajou a imprensa local, interessou o empresariado pelotense, foi apoiada pelo Ministério da Agricultura e pelo Governo do Estado. Tornou-se bastante popular⁸ no Município.

Contudo não houve nenhum progresso da vitivinicultura em Pelotas. Os viticultores não se organizaram em cooperativas e nem ocorreu ali a formação de empresas vinícolas de maior porte. Sem esses fatores de estímulos, a produção somente foi mantida enquanto não sofreu a concorrência dos municípios da Encosta Superior do Nordeste. Com o avanço da indústria vinícola naquela região, um vinho melhor elaborado tecnicamente e de menores custos invadiu o mercado dos produtores pelotenses, que renunciaram ao cultivo da parreira. Sem chegar a especializar-se, essa região não pode competir com a outra região vinícola que, bastante cedo, tomou o caminho da especialização.

Devido à precariedade dos dados estatísticos, só para décadas mais recentes pode-se comprovar numericamente o declínio da produção de uvas em Pelotas, de acordo com a tabela a seguir.

⁸ No relatório apresentado pelo prefeito Dr. Sylvio Barbedo à Câmara Municipal, em 1936, à página 3 lê-se o seguinte:

“Continua com a mesma intensidade a propaganda pró-vitivinicultura, tendo esta Escola (de Agronomia e Veterinária) distribuído aos colonos do Município este ano 32 mil mudas de diversas castas para vinho.

Da mesma maneira prestamos auxílios, com as distribuições grátis dos fungicidas e inseticidas, bem como, das máquinas pulverizadoras, bombas para a transfega e de mostímetros e drogas necessárias para o preparo do vinho. Acompanham este serviço os nossos assistentes técnicos das colônias.

Estamos convencidos de que o nosso colono, pela sua pequena educação pouca importância dá aos esforços dispendidos pelos nossos assistentes e mesmo muito pouca atenção aos conselhos, e aos cuidados que devem ser dispensados às plantas distribuídas por esta Escola. Assim que o resultado desta campanha de fomento e distribuição ainda é pouco animador”.

Área e produção de uvas em Pelotas e Rio Grande do Sul – 1940-1980

DISCRIMINAÇÃO	PELOTAS			RIO GRANDE DO SUL		
	1940	1960	1980	1940	1960	1980
Área plantada (ha)	316	122	(1)28	24 288	47 156	(1)38 264
Produção (t)	2 528	804	168	181 641	273 271	220 761

FONTE: ANUÁRIO DA PRODUÇÃO AGRO-PECUÁRIA 1960. Porto Alegre, Departamento Estadual de Estatística.

BOLETIM DO DEPARTAMENTO MUNICIPAL DE ESTATÍSTICA (1940). Pelotas.

PRODUÇÃO AGRÍCOLA MUNICIPAL 1980. Rio de Janeiro, IBGE, v. 7 e 8.

(1) Trata-se da área cultivada.

A última cantina pelotense a fechar foi a da Quinta Pastorello em 1972. Até 1969, essa cantina utilizou matéria-prima essencialmente produzida nas colônias de Pelotas. Durante os três anos seguintes, experimentou produzir com uvas compradas dos parreirais de Bento Gonçalves, Caxias do Sul e Garibaldi. Dificuldades com a obtenção da matéria-prima aliadas à inadequação das instalações, que já não correspondiam às exigências legais, puseram fim às atividades das cantinas artesanais.

Bibliografia

ANUÁRIO DA PRODUÇÃO AGRO-PECUÁRIA 1960. Porto Alegre, Departamento Estadual de Estatística.

BOLETIM DO DEPARTAMENTO MUNICIPAL DE ESTATÍSTICA 1940. Pelotas.

DIÁRIO LIBERAL (1934). Os livros de viti-vinicultura. Pelotas, 2 ago.

_____ (1934). A viti-vinicultura em Pelotas. Pelotas, 6 dez.

_____ (1936). A indústria viti-vinícola em Pelotas e no Estado. Pelotas, 9 abr.

_____ (1936). Pró-viti-vinicultura. Pelotas, 30 jan. p. 1.

_____ (1936). Quinta Pastorello. Pelotas, 2 out. p. 22.

- FOLHA DA TARDE (1980). Porto Alegre, 20 set. p. 13.
- FOLHA DO POVO (1943). Quinta Pastorello. Pelotas, 22 dez. p. 31.
- GOBBATTO, Celeste (1950). O cultivo da vide e a industrialização da uva no Rio Grande do Sul. In: ALBUM comemorativo ao 75º aniversário da colonização italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Globo. p. 402-24.
- (1940). **Manual do viti-vinicultor brasileiro**. Porto Alegre, Globo, v. I.
- O LIBERTADOR (1936). O surto animador da viti-vinicultura em Pelotas. Pelotas, 21 mar. p. 3.
- LIMA, Gilnei Garcia & PORTO, Vanderlei (1980). Em 100 anos a tradição francesa quase desapareceu. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 22 set.
- MONSERRAT, J. (1950). O cooperativismo na zona de colonização italiana. In: ALBUM comemorativo do 75º aniversário da colonização italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Globo.
- PADILHA, Alvaristo do Amaral (1968). **Uva e vinho**. Porto Alegre, Departamento Estadual de Estatística.
- PAZ, Ataliba de Figueiredo (1934). Uma importante zona vitivinícola. **Boletim da Escola de Agronomia e Veterinária Eliseu Maciel**, Pelotas, (13):4-21.
- (1935). Remodelação da viticultura pelotense. **Boletim da Escola de Agronomia e Veterinária Eliseu Maciel**, Pelotas, (21):4-27.
- PETER, Newton (1979). Pelotas já produziu muita uva e bom vinho. Poderá recuperar esta riqueza? **Correio do Povo**, 15 jul. p. 23.
- PIMENTEL, Fortunato (1950). **Aspectos gerais de viti-vinicultura riograndense**. Porto Alegre.
- PRODUÇÃO AGRÍCOLA MUNICIPAL 1980. Rio de Janeiro, IBGE, v. 7 e 8.
- RELATÓRIO apresentado ao Conselho Municipal em 20 de setembro de 1909, pelo intendente engenheiro José Barbosa Gonçalves. Pelotas, 1909.
- RELATÓRIO apresentado ao Conselho Municipal em 20 de setembro de 1919, pelo entendente engenheiro Cypriano Correa Barcellos. Pelotas, 1919.
- RELATÓRIO apresentado ao Conselho Municipal em 20 de setembro de 1924 pelo intendente Dr. Pedro Luis Osório. Pelotas, 1924.
- RELATÓRIO apresentado ao Conselho Municipal em 20 de setembro de 1922 pelo entendente Dr. Pedro Luis Osório. Pelotas, 1922.
- SANTOS, José Vicente Tavares dos (1978). **Colonos do vinho**: estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital. São Paulo, Hucitec.
- ULLRICH, Carl Otto (1898). Die deutschen Kolonien in süden von Rio Grande do Sul. In: JAMASCH, Rathschläge für Answanderer nach südbrasilien. Berlin. p. 89-112.